

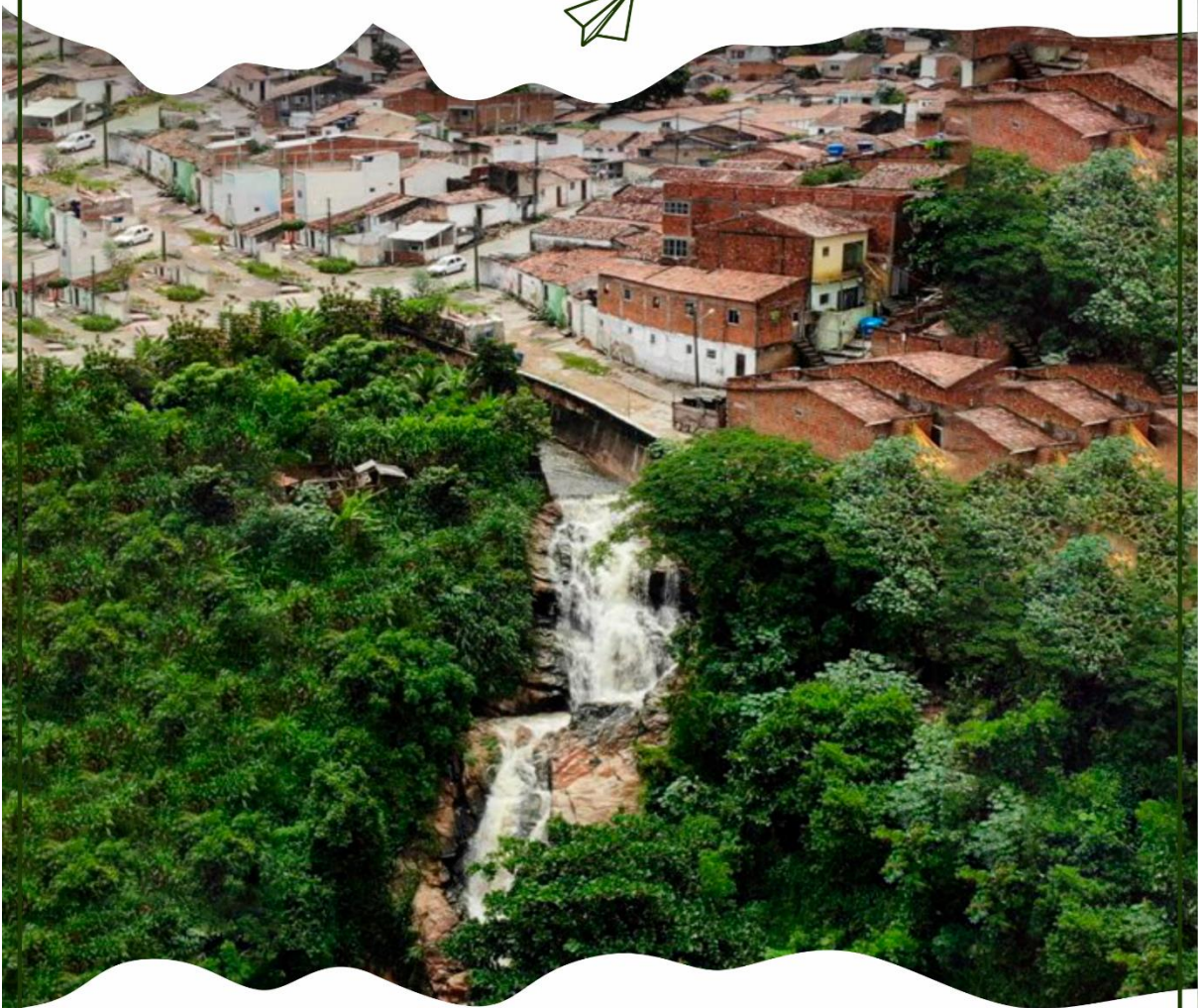
História e memória do antigo bairro da Cachoeira em Campina Grande



(1950-2006)



Maria Claudia Almeida Viana



**HISTÓRIA E MEMÓRIA
DO ANTIGO BAIRRO
DA CACHOEIRA EM
CAMPINA GRANDE
(1950-2006)**



•

Editor

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

Conselho Editorial

Luíra Freire Monteiro
Flávio Carreiro de Santana
Emerson M. Alves Silva

Conselho Científico

Bruno Rafael de A. Gaudêncio (IHCG)	Maria Liége Freitas Ferreira (UFCG)
Eliton S. Medeiros (UFPB)	Laudemiro L. de Figueiredo Filho (IHGB)
Flaubert Barros Leira (HGGP)	Lucira Freire Monteiro (UEPB)
Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)	Luíra Freire Monteiro (UEPB)
Glauber Paiva da Silva (UFPE)	Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)
Hélio de Sousa Ramos Filho (UFPB)	Maria de Lourdes Lopo Ramos (UEPB)
Hilmaria Xavier Ribeiro (NUPEHL)	Maria Ida Steinmuller (IHCG)
Iordan Queiroz Gomes (NUPEHL)	Thomas Bruno Oliveira (IHGP)
João Pereira Silva Neto (IHLS)	Thuka Kércia Morais de Lima (MDCCG)
José de Sousa Pequeno Filho (IHSB)	Vanderlei de Brito (IHCG)
Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)	Vicentina Ramires (UFRPE)

Conselho Científico

Designer gráfico	Emerson M. Alves Silva
Capista	George Tenório Pinto
Revisão linguística	Vanuza de Oliveira Barbosa
Normalização técnica	Wellington Figueiredo



Edições Nativa

2021

Maria Claudia Almeida Viana

**HISTÓRIA E MEMÓRIA
DO ANTIGO BAIRRO
DA CACHOEIRA EM
CAMPINA GRANDE
(1950-2006)**

Nativa 

Edições Nativa

2021

Copyright 2021 – Autores
ISBN 978-65-995379-2 - 9

Capa – George Tenório da Silva
Projeto gráfico - Emerson Marcelino Alves Silva
Revisão: Luíra Freire Monteiro e Flávio Carreiro de Santana

Ilustração da capa:
Foto aérea da área da Cachoeira.

Contato com os autores:
edicoesnativa@gmail.com

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
É proibida a reprodução total ou parcial,
de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei no
9.610/1998) é crime estabelecido no artigo
184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Viana, Maria Cláudia Almeida
História e memória do antigo bairro da Cachoeira
em Campina Grande (1950-2006) [livro eletrônico] /
Maria Cláudia Almeida Viana. -- 1. ed. -- Campina
Grande, PB : Nativa Edições, 2021.
eBook

Bibliografia
ISBN 978-65-995379-2-9

1. Campina Grande (PB) - História 2. História do
Brasil I. Título.

21-70715

CDD-981.33

Índices para catálogo sistemático:

1. Campina Grande : Paraíba : História 981.33

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Edições Nativa

2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
<i>Os primeiros moradores do local</i>	15
<i>Espaço</i>	16
<i>Habitar</i>	20
<i>Vizinhança</i>	25
<i>Sociabilidade</i>	26
DESLOCAMENTOS NO ESPAÇO: A MARGINALIZAÇÃO DO BAIRRO DA CACHOEIRA	28
<i>Quando começou a violência no lugar? Por quê?</i>	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
FONTE DE PESQUISA	41
<i>Fonte oral:</i>	41
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Na zona leste da cidade de Campina Grande, Paraíba, um edifício se destaca pela beleza de sua arquitetura ao mesmo tempo que evoca a liderança da cidade no setor industrial na região. O prédio que sedia a FIEP (Federal das Industrias da Paraíba), que data o início da sua construção no ano de 1978, contrasta com a paisagem bucólica, de queda d'água e mata fechada, onde floresceu a comunidade que pretendemos jogar alguma luz na história de sua formação, crescimento e fim (de 1950 a 2006). Diferente dos industriais, moradores da Comunidade da Cachoeira conviveram por décadas com problema sociais, ausência do poder público e sendo vítima de preconceitos, porém, foi o lugar em que sujeitos encontraram para fazer sua morada e lar para sua família, na mesma zona leste de Rainha da Borborema.

Este texto busca o entendimento da questão da formação da identidade dos ex-habitantes da favela da Cachoeira, abordando principalmente o que levou aquelas pessoas a “invadirem” um local preservado, explicitando a questão de como essas pessoas passaram a criar e conviver num novo espaço, a favela.

Nosso trabalho busca contribuir junto com o meio acadêmico, por meio de abordagem de temas de cunho social, político e sobre a marginalização, nos tomando pioneiros em se tratando da historicização desses temas relacionados a favela da Cachoeira. Ninguém antes tinha tido a curiosidade, pertinência e coragem de adentrar na favela da Cachoeira, e abordar os principais problemas existentes dentro de uma favela.

Assim, levantamos questionamentos que consideramos oportunos durante nosso trabalho, sendo elas: qual o grau de sociabilidade entre os moradores? Como os mesmos conviviam como a marginalidade do local? O poder público tomava providências para melhoria do lugar ou simplesmente se omitiam sobre os fatos?

As entrevistas foram de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, pois foi através dos relatos de memória que pudemos abordar os problemas existentes dentro da favela: como se deu essa favelização, o que levou aquelas pessoas a irem morar num lugar inabitado e sem estrutura nenhuma, a convivência, a sociabilidade, a marginalização do local, como os outros moradores da cidade de Campina Grande viam os habitantes da favela da Cachoeira.

Segundo Verena Albertini *“uma relação de entrevistas é, em primeiro lugar, uma relação entre pessoas diferentes, que tem em comum o interesse por determinado tema, por determinados acontecimentos e conjunturas do passado”*. (2005, p. 101)

Foram estas diferenças em busca de um mesmo ideal, contar histórias desse lugar, que deram tanto ânimo para serem feitas as entrevistas, com isso foi possível perceber que aquelas pessoas se sentiam bem ao falar do lugar onde moraram, sendo que pudemos notar o bem-estar dos entrevistados ao falar do seu passado porque numa relação dialógica, entrevistador e entrevistado se avaliam mutuamente.

O ideal, numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistador, à medida que ambos se engajam na construção, na reflexão e na interpretação do passado (Ibid., p.102).

Os habitantes viviam de acordo com o meio, sendo os seus hábitos consequência do ambiente onde moravam, onde algumas atitudes eram tomadas em consequência de serem moradores de uma favela. *“Ora, há em cada época uma estreita relação entre os hábitos, o espírito de um grupo e o aspecto dos lugares onde ele vive”*, esta frase de Halbwachs retrata bem como aquelas pessoas agiram de acordo com o ambiente onde

viviam, pois eles saíram de dentro da favela da Cachoeira, mas a favela da Cachoeira não saiu de dentro deles.

Como escrever sobre um povo que era visto de forma muito negativa pela sociedade em razão do alto índice de analfabetismo, que foram esquecidos pelo poder público e que eram tratados como inferiores pela elite campinense? Foram esses e outros pontos negativos que nos incentivou a ter ânimo para seguir com a pesquisa que agora estamos lhes mostrando resultados. Uma história das margens da cidade e dos seus marginalizados, recuperados aqui em importância pelo emprego da história oral, no entendimento de pessoas que se reconhecem como significantes pelas suas narrativas de vida.

As maiores dificuldades que encontramos ao longo dessa nossa pesquisa foi devido ao fato do seu caráter inédito, que é o de buscar a história dos ex-moradores da favela da Cachoeira. A maior adversidade foi a de encontrar as pessoas certas para serem entrevistadas, pois não existia até então nenhum relato escrito sobre a comunidade da Cachoeira.

Naquele instante da nossa produção lançamos mão da história oral para conseguirmos responder nossas inquietações. A história oral nos permite buscar os detalhes, o dia-a-dia da vida dos mais humildes, pois o povo considerado “sem cultura” não despertava a curiosidade dos meios de comunicação, evidenciando o silêncio imposto na referida comunidade nos jornais e revistas, que são fontes históricas mais tradicionais utilizados pela historiografia, mas que pouco abordaram a comunidade para além a exploração da violência do local.

“A história oral, portanto, pode ser de todos, mas preferencialmente tem sido feita sobre grupos menos contemplados pela história oficial” (CERTEAU, 2004, p.101), nessa perspectiva a história oral nos deu o privilégio de falar de um povo discriminado, e que ninguém antes tinha se interessado por sua história.

A exclusão e o preconceito que essas pessoas sofreram em decorrência da onde viveram e construíram sua comunidade dificultou a

abordagem em torno da história de vida desses sujeitos, pois quando chegávamos para fazer a entrevista muitos olhavam com certa desconfiança. Neste sentido, íamos ter uma conversa informal, explicando todo o interesse da pesquisa, daí a adesão dos narradores em contribuir com o trabalho.

Mesmo em situações de igualdade social, o trato social entre as partes precisa ser cuidadoso. Não apenas as informações sobre o projeto devem ser prestadas como, principalmente, os resultados merecem ser divulgados. (MEIHY, 2005).

No ato de fazer a pesquisa, acabamos por entender que, quando as partes (entrevistador-entrevistado) têm um mesmo nível cultural e econômico, a entrevista parece transcorrer mais facilmente, pois se está falando “de igual para igual”. Porém, quando essa diferença entre as partes é evidente, a diferença teve que ser equacionada nos atos da fala, nos acordos da conversação.

Muitos acreditam na história oral como papel de produtora de documentos em casos em que a censura, políticas governamentais ou a desligamento cultural não promoveram registros (Ibid., p.29). Nossa pesquisa bem atestou essa falta de evidências “oficiais” sobre um espaço marginalizados de Campina Grande.

Construir as fontes orais a partir das entrevistas fez desvelarem todas as sensibilidades em tomo da memória dos antigos moradores do bairro da Cachoeira, possibilitando entender a emoção de suas alegrias, frustrações e trajetórias do passado recordado.

De forma metodológica, foram escolhidas e realizadas 11 (onze) entrevistas, num número total de 11 pessoas, sendo o total de 4 (quatro) homens e 7 (sete) mulheres, sendo suas conversas registradas em filme. Também consultamos uma média de 10 (dez) pessoas, sendo esses encontros esporádicos e informais, dos quais não nos foram permitidos nenhum registro.

A grande maioria das entrevistas foram feitas no bairro do Glória, bairro este que foi construído para abrigar os moradores da então

Cachoeira. No tempo presente o Glória é uma espécie de paraíso para os moradores, pois muitos usam o termo: “*saímos do inferno para morar no céu*”.

Nosso trabalho está dividido em dois capítulos, o primeiro traz discursos da paisagem a habitação, como: os primeiros moradores, o espaço, habitar, vizinhança e sociabilidade.

Nosso segundo capítulo está trazendo as discussões sobre os deslocamentos no espaço que nos remete a discussões como a marginalização do bairro da Cachoeira e quando começou a violência no lugar? Os porquês de todas as perguntas principais.

DA PAISAGEM À HABITAÇÃO: DESCOBRINDO A CACHOEIRA

Neste capítulo temos como intenção realizar uma discussão de como os espaços da Cachoeira conservavam-se antes do processo de habitação e como este ambiente começou a se modificar quando passou a ser lugar de moradia, abordando o porquê do estigma que se tem hoje sobre a mesma, como se deu o processo de ocupação, quem eram os primeiros moradores, assim, pretendemos entender como a Cachoeira se tornou a “caxanga” para muitos.

Este lugar era ponto turístico para os moradores da cidade de Campina Grande e tido como um ambiente bonito para se levar a família ou até mesmo apreciar a beleza da mesma. Entretanto a paisagem começou a se modificar.

As primeiras narrativas que evocam a Cachoeira parecem mesmo aquela que à toma como um espaço esplendido por sua beleza natural: cenário inabitado e de paisagem preservada, lá se encontrava com facilidade vegetação exótica - flores e plantas consideradas diferentes como as orquídeas, pois ali existia bastantes bromélias e, como consequência, orquídeas.

Como bem nos relata a Sr. Luzia Maria da Conceição, a Cachoeira era um ambiente totalmente preservado: *ali era um mato só num sabe! Num tinha ninguém, quando eu fui morar ali, só tinha agave, mato e jurubeba*”. Na narrativa, percebesse o quanto era preservado o local e como o mesmo era inabitado.

Fazendo referência a paisagem do lugar, podemos compreender que o nome da Cachoeira se deu devido a própria queda d'água que havia ali e na qual visitantes, em momento de lazer, a utilizavam para tomar banho. Interessante é perceber que alguns antigos moradores não a chamavam de Cachoeira, tomando-a por outro nome: o de Caxanga.

Assim, nos foi informado que, quando as pessoas perguntavam para alguns moradores onde eles moravam, eles falavam com certo orgulho que moravam na Caxanga: lugar onde havia a queda d'água (cachoeira), mas de nome outro, diferente, muito embora as primeiras enunciações sobre aquele lugar lhe nomearam como Cachoeira.

Como exemplo, temos o caso do Sr. José Francisco que, quando interrogado por outras pessoas da cidade sobre o lugar onde morava, informava que habitava na Caxanga, causando extremo desconhecimento ao outro de tal lugar, tendo ele que explicar que se tratava da Cachoeira: *‘Eu moro na Caxanga, eu dizia. E o que é a Caxanga? Ai eu dizia: Cachoeira.*

A Cachoeira era propriedade do Sr. José Adelino de Melo, um político da zona leste da cidade. Inicialmente não havia habitantes no local, até que se resolveu explorar uma pedreira existente na área. Os moradores não conseguiram precisar a localização da referida pedreira, contudo, foi lembrada pela grande maioria dos entrevistados, tendo, inclusive, a concorrência para os postos de trabalhos, que teriam sido oriundos da pedreira, atraído algumas pessoas a habitarem na comunidade da Cachoeira.

Esta pedreira serviu para os próprios moradores terem uma renda. Lá trabalhava não só homens como também mulheres, e até mesmo as crianças que não tinha com quem ficar, e acabavam acompanhando os pais e os ajudando no trabalho e na renda familiar.

No relato da Sr. Luzia Maria da Conceição percebemos que, levar as crianças para a pedreira, não era para ela uma condição de falta de cuidados com os filhos e sim por falta de opção, pois não tinham com quem deixar as crianças, *“não era todo mundo que levava os meninos não, mais tinha muita gente que levava”*.

A existência da pedreira era positiva para os moradores, pois contribuía com alguma renda a mais. Por outro lado, era bastante perigoso para os seus trabalhadores, como nos narra a Sr. Luzia Maria da Conceição, *“teve uma mulher que morreu lá, ela foi botar a bomba pra explodir, pra explodir a pedra, não tem? Mais ela não teve tempo de sair, e a pedra caiu em cima dela. Ela morreu na hora”*.

Como apoio para exploração da pedreira é relatado que existiam apenas duas casas de taipa, que abrigou trabalhadores e seus familiares. Como nos narra o Sr. José Francisco, estas casas não ficavam dentro do que viria a ser o bairro da Cachoeira, mas foi a partir destas casas e da pedreira que começou a invasão.

Eu comecei a morar logo numa casinha que tinha, num tem a vila Juvêncio Arruda? Ah era também do finado Severino Cabral, da Cachoeira do outro lado, ali tinha duas casinhas de taipa, ai o finado meu pai trabalhava na pedreira, nois trabalhava na pedreira, e a gente morava na casinha ali.

Dessa forma, em decorrência da ocupação destes trabalhadores no referido local, acarretou a chegada de outras pessoas em estado de vulnerabilidade social, evidenciada não apenas no próprio ato de assenhoramento do espaço como também na falta de recursos para construir moradias de alvenaria, pois, faziam casas de pau-a-pique conhecida como casa de taipa, como nos retrata a Sra. Luciene: *“Era um terreno, ai eles fizeram uma casinha de taipa, e ficaram morando com a gente tudinbo, eram nove irmãos”*.

Mesmo com uma moradia simples, em um lugar sem infraestrutura nenhuma, estas pessoas se orgulhavam de suas vidas e faziam o possível para terem uma melhor qualidade de vida. É interessante perceber através dos relatos como estas pessoas, em sua grande maioria, estavam apegadas aquele lugar apesar dos percalços, como nos retrata o Sr. Geraldo Batista.

Fiz uma casinha de taipa lá, fui morar, fiz duas casas de taipa, tá. Depois quando o prefeito que nesse tempo ele era prefeito Cássio, era prefeito, fez uma casa ia, somente um vão, de tijolo, a eu era empregado nessa época. Ai quando eu sair de lá, eu gastei quase mil reais, aí dividi a casinha toda, reboquei, morei esse tempo todinho lá, todo começo da minha vida foi lá, falar a verdade é preciso, eu gostava de morar lá.

É possível sentir através dos relatos a gratidão destas pessoas que mesmo tendo morado em um ambiente estigmatizado como favela são agradecidas por terem construído suas vidas lá. Embora sendo em um lugar que não proporcionava uma boa qualidade de vida, eles não pagavam aluguel – cujo comprometimento de um orçamento familiar é bastante significativo – criaram seus filhos e sentem orgulho deste passado.

Contudo, antes de haver as casas simples, o que apenas existia naquele lugar era uma bica (ou cachoeira), sendo esta uma atração para as pessoas que visitavam o local, pois a bica era isolada do espaço urbano campinense. Tamanha era à distância da cachoeira para os moradores campinenses que estes iam fazer turismo, visitando um lugar muito atrativo pela bela paisagem natural que apresentava.

Percebemos na narrativa do Sr. José Francisco, o quanto era inabitado o local, como se houvesse uma reserva ambiental dentro da própria cidade, quando nos disse que “*antes de começar a cachoeira eu conheci aquilo ali só agave e mato, ou então tinha a bica pro povo tomar banho...*”. Assim, os campinenses passaram a consumir a cachoeira enquanto espaço de lazer, desfrutando no seu ócio a beleza do lugar.

E bastante nítido o quanto o espaço era apreciado pelos moradores da cidade, como bem nos mostra a narrativa da Sra. Mana do Carmo, quando nos diz que as pessoas traziam máquinas fotográficas para registrar a Cachoeira: “*sempre o povo vinha bater foto, tirar foto lá*”.

Entrementes, se entendermos que não eram todos que podiam comprar uma máquina fotográfica na década de 50, pois era artigo caro no qual as pessoas mais humildes tinham pouco acesso, fica claro que os

indivíduos com poder aquisitivo mais alto também frequentavam a cachoeira e também apreciavam o lugar, pois para ser fotografar algo naquela época tinha-se que existir algo que lhes chamasse a atenção.

Assim, também nos relata o Sr. José Francisco que a Cachoeira tinha vários atrativos como tomar banho, tirar fotos ou até mesmo apenas relaxar apreciando a beleza natural que o lugar proporcionava: *“Aquele lugar era ponto turístico, todo domingo era cheio uns tomando banho, outros tirando foto, batendo retrato, né? Porque era bonito demais”*.

No relato fica evidente o orgulho dos moradores em perceber que aquele lugar, mesmo sendo na época um início da “favela, chamava a atenção das pessoas de posse, se tomando um espaço atrativo de se visitar. O Sr. Geraldo Batista deixa claro que mesmo após a chegada de alguns habitantes no local as pessoas continuavam vindo fazer visitas, mesmo porque o local continuava preservado pelos moradores ali existentes: *“Era bonito, assim, porque era tipo uma floresta... era bacana. Era uma favela, mais era uma favela mais de mato de árvore do que de casa, né?”*

Com o passar do tempo, a tal beleza do lugar também vai sendo corrompida por Campina, sobretudo no que tange a sua modificação. Especialmente pela poluição que sofreu vinda do núcleo de moradia urbana, como bem nos disse o senhor José Martins: *“Antes da favela da cachoeira existia uma bica onde os moradores do Monte Castelo, Nova Brasília, vinham porque ali tinha a queda d’água. Só que ela não era tão poluída, porque não agremiava o alto esgoto da cidade.”*

Mesmo não se tendo moradores, sendo as únicas exceções os trabalhadores da pedreira nas proximidades, existiam alguns lugares sempre citados e que se tornavam referência para os moradores locais, o que nos chamou bastante à atenção nas narrativas. Um desses lugares citados foi a “vila dos Arruda”, pertencente à família do tão afamado Ataliba Arruda, que segundo alguns, era temido por ser um desordeiro e matador na cidade.

Outro ponto de referência citado foi o cercado de Manoel Ferreira. Este foi frisado que por ali existir uma fazenda onde morava a

família do comerciante Manoel Ferreira, que tinha uma loja situada na Vila Nova da Rainha. Estes dois espaços foram narrados pela Sra. Sebastiana também como ambientes muito bonitos, quando nos coloca que: *“era muito bonito lá em cima: pegava o cercado de Manoel Ferreira, a vila dos Arruda. Era muito bonito ali”*.

É interessante perceber que mesmo existindo uma fazenda, como é o caso do “cercado” de Manoel Ferreira, esse espaço foi lembrado como um lugar de pessoas com o alto poder aquisitivo, havendo um respeito daqueles moradores com os vizinhos “Ferreiras”. Como nos retrata o Sr. Pedro Paulino: *“a gente na cachoeira sempre respeitou nunca passamos para lá...”*

Porém, pela situação de pobreza dos vizinhos dos “Ferreiras”, este respeito não era mútuo, pois quem chegasse próximo à sua fazenda era recebido à tiros, sem ao menos saberem quem era que estava se aproximando, como nos relata o Sr. José Martins com bastante tristeza, contando um dos fatos humilhantes que passou: *“Já chegaram a atirar na gente. Já no meu irmão falecido deram um tiro de 12. Graças a Deus meu irmão escorregou numa pedra e caiu dentro da água, porque se não tinha morrido”*.

Outras situações ainda podem ser lembradas. Por existir muitas enchentes, algumas vezes as cheias levavam brinquedos na água corrente que desembocavam ali, e acabava ficando dentro da propriedade do Sr. Manoel Ferreira. Então, as crianças da Cachoeira que não tinha como obter um brinquedo novo, acabavam entrando na propriedade alheia para brincar e pegar os objetos que vinha na água: *“Nós ia (sic) lá pra pegar jia, porque os brinquedos que a água carregava também, bola, né? Pegar jerimum que nascia às margens da cachoeira, pegar piaba, peixe”*.

Fica nítido no relato acima que mesmos sendo vizinhos, não existia uma confiança entre os moradores e os Ferreiras, em seu medo de serem roubados. Assim, a dita “invasão” demonstra que não havia sociabilidade, uma vez que as crianças que só queriam pegar os brinquedos, ou então algo para matar a fome como era o caso dos jerimums.

Os primeiros moradores do local

O processo de povoamento do espaço da Cachoeira se deu, principalmente, pela falta de oportunidade da camada mais humilde. Mas, por que essa condição? As pessoas estavam vindo de outras cidades próximas à procura de emprego. Ao chegar à cidade, não tinham oportunidades de emprego, ficavam sabendo da então invasão, e ali ficavam por falta de recursos.

Com isto a então Cachoeira, que até o momento era preservada e servia como ponto turístico, passou a ser uma invasão. A partir da chegada de outras pessoas - que não demorou muito - o espaço se transformou na favela da Cachoeira.

O processo de favelização se deu dentre os anos de 1960 a 1964, sendo possível notar que o crescimento do povoamento na favela se deu muito rápido, num curto intervalo de quatro anos. A cachoeira, que até então era tida como um ambiente bonito e atrativo aos olhos dos visitantes passou definitivamente a chamar-se “Caxanga”.

Caso dessa migração para a Cachoeira nos foi narrador pelo Sr. José Martins, contando um fato que aconteceu na sua família:

As pessoas tava (*sic*) vindo, se agremiando. Isto foi aumentando o boato, a notícia foi correndo e muitas pessoas que chegavam, chegavam de fora, vinham pra lá pra dentro. As pessoas que vinham do campo abandonaram o campo pra vim pra cidade, e aí se agremiou lá dentro da favela da Cachoeira entre os tais estava minha mãe D. Floripa que veio de Galante e lá de Galante ela se povooou lá na Cachoeira, com seus filhos do primeiro casamento, e ali se alojou juntamente com seu Antônio Pereira, com seu Pedro Paulino que foram os primeiros moradores da Cachoeira.

Com a ida das pessoas para a favela, por meio de invasão do espaço físico, o proprietário do terreno procurou o então prefeito da cidade, que na época era Severino Cabral, para que retirasse aquelas pessoas de suas terras. Então foi feito um acordo entre as partes, para

que as pessoas ficassem no local. Desde início, fica claro a falta de respeito com a camada mais humilde, como nos narra o Sr. José Martins:

Então José Adelino de Melo acionou o prefeito que teria que mandar expulsar os invasores, então Severino Cabral era um político popular e populista, ele fez um acordo com José Adelino de Melo segundo informações dos mais antigos me passaram, ele entrou em acordo e resolveu doar o terreno para aqueles habitantes.

Com a doação dos terrenos, as pessoas iam construindo suas casas, que na maioria das vezes era de taipa, pois poucos tinham condições de construir uma casa de tijolos. Até os anos de 1980, a favela da Cachoeira ainda estava em processo de crescimento. Assim, agora a Cachoeira tomava outra forma, diferente daquele lembrada pelo Sr. Geraldo Batista, que dizia: *“quando eu fui morar lá era mais mata”*.

Espaço

Mesmo com o estigma de “favelados”, os moradores da comunidade da Cachoeira tinham o bom senso de fazerem o possível para melhorar o ambiente em que viviam, e por isso saíram abrindo ruas, tentando ajudar os outros moradores que tinham uma necessidade maior do que as deles.

É bastante interessante perceber que mesmo morando em uma favela, caracterizada pela ausência de demarcações oficiais do terreno - responsáveis por separar as propriedades das famílias - os moradores eram bastante organizados entre si quando se refere a espaço, cada um tinha o seu terreno sem que o outro tentasse usurpar, prevalecendo o respeito entre eles.

Quando começou o início de favelização os moradores se depararam com situações fatigantes e precárias, pois tiveram que conviver em um lugar sem energia elétrica, água encanada, ou até mesmo sem estrutura que abrangesse os meios de transportes para quaisquer necessidades, como no socorro aos doentes, pois traziam grandes transtornos difíceis de serem operacionalizados.

Por exemplo, se aqueles moradores necessitassem de um carro para socorrer no momento de aflição maior, que é quando se está doente, não era possível, devido as características do relevo (podendo ser descrita como buraco), um lugar bastante acidentado que não permitia o acesso de veículos no local, às pessoas tiveram que encontrar uma solução para terem acesso a pista como bem nos narra a Sra. Maria Edite a respeito desses momentos de sofrimento: *“tinha que subir de cadeirinha e o carro ficava lá em cima...”*.

As pessoas viviam assustadas com medo de serem levadas pela água, porque quando chovia, ficava alagado. Para quem morava na parte superior da comunidade da Cachoeira passava por condições mais fáceis já que não enfrentavam muita dificuldade com o aumento do fluxo da água, mas para quem morava na parte do meio ou na parte de baixo, a situação era muito pior devido ao risco de haver desabamentos, e quando isto acontecia muitas vezes atingia a casa do vizinho, uma vez que as casas eram bastantes próximas umas das outras. Como relata o Sr. Pedro Paulino:

Quem morava até na terceira casa não tinha muito perigo de cair não, mas da quarta, quinta, sexta ia descendo, descendo porque as paredes eram altas, essa parede trincava ou caía, como a gente podia fazer tinha que puxar mais pra cá. A gente mesmo fomos (sic) engolindo o terreno se a minha casa tinha 4 metros só podia fazer com 3 metros e assim sucessivamente.

Com todas essas dificuldades ainda existia o problema das enchentes e daí vinha e preocupação com as crianças, para não serem levadas pela água. Nessa época, o cuidado era redobrado: como se não

bastasse o medo das enchentes, existia ainda a queda d'água, com uma força tão grande que o barulho da queda não deixava as pessoas dormirem, como nos narra com bastante precisão a Sra. Maria Edite: *“quando estava chovendo ninguém dormia lá com suada da água.”*

Era difícil e doloroso ter que deixar os poucos bens materiais que se conseguiu durante uma vida inteira de trabalho, só que em muitas das vezes não se tinham opção, era isto ou ser levado pela enchente juntamente com sua família. Quando a Sra. Maria Edite nos relata esta passagem percebemos a sua comoção, por que viver em uma favela já não é fácil e ainda mais difícil viver sem infraestrutura nenhuma: *“Ó saía das casas porque via a hora à água levar, porque era água demais e tinha casa bem pertinho.”*

É possível apreender a partir dos relatos que as pessoas viviam com o sentimento de medo, isso devido ao risco da iminência de acontecer uma tragédia a qualquer momento, pois não se tinha acesso a nada: a favela era totalmente esquecida pelas autoridades, restando apenas à solidariedade dos moradores, uns com os outros.

Os terrenos em sua grande maioria eram doados pelo prefeito da época, Severino Cabral. Mas, os que queriam morar na favela e quisesse a casa pronta ou um terreno que alguém já estava morando tiveram que acertar a compra com os moradores que já tinham a posse da casa ou terreno, como bem nos relata o Sr. Geraldo Batista *“eu comprei o terreno, tinha uma parte que era comprada e tinha outra parte que era pela prefeitura, o meu foi comprado”*.

Essas compras eram feitas de um modo bem interessante, pois mesmo morando em um lugar onde não se tinha escrituras de terra ou de casas, eram realizados acordos de compra e venda por escrito com a intenção de provar que aquela casa pertencia a certa pessoa. Como nos relata o Sr. José Martins, os moradores tinham consciência que o tal documento não tinha nenhum valor legal: *“No caso desses terrenos invadidos, no caso ele fazia a escritura e pegava, duas, três, quatro testemunhas e fazia lá toda*

redação escrituraria no papel, as pessoas assinavam e aquilo servia como se fosse documento”.

O curioso é que essas tais “escrituras” eram feitas na casa do antigo proprietário, Sr. José Adelino de Melo, e as testemunhas eram pessoas que trabalhavam para o mesmo. Eles falavam um valor mais baixo do que o verdadeiro, para pagar mais barato pela suposta escritura, como nos relata de forma bastante nítida o Pedro Paulino:

Tinha que ir lá comprovar. Resultado? Quando chegava lá ele dizia comprou a casa a Martins, comprei por quanto? Ai a gente já tinha combinado, a pessoa já tinha pago. Ele dizia já pagou, eu dizia já, comprei por 120, mas ele dizia lá que era 80, depois de preencher tudo ele chamava duas empregadas para servir de testemunha. Seu Pedro Paulino comprou uma casa a Sr. José Martins de Paiva, um casebre de taipa e telha por essa importância.

Essas supostas “escrituras” eram feitas, sem muitos cuidados, pois eram produzidas em folha de caderno comum, e depois os analfabetos - que eram a grande maioria - tinham o constrangimento de colocar, como forma de reconhecimento do acordo firmado, a impressão digital no documento, como nos retrata com bastante ênfase o Sr. José Martins: *“Um compromisso de compra e venda, no caso de venda do terreno, e ali você recebia aquela escritura, no caso de folha de caderno normal, e ali você assinava ou colocava o dedão para quem não sabia assinar”.*

Vale salientar que com o falecimento do ex-proprietário do terreno, as “escrituras” continuaram sendo feitas, só que a partir de então eram elaboradas na casa do então prefeito, Sr. Severino Cabral, que continuou cobrando pelo tal “documento”.

Fica claro que mesmo sabendo que as pessoas que moravam na favela da cachoeira eram pessoas que tentavam agir dentro da lei. Porém, que as pessoas de “má” índole abusavam de suas honestidades, pois cobravam por um documento falso.

A grande maioria dos moradores da favela da Cachoeira trabalhavam com agricultura. Os mesmos não tinham oportunidade de emprego em outras áreas, uns porque eram alfabetizados, outros porque não lhes restavam oportunidades devida a discriminação, pelo fato dos mesmos morarem em uma favela.

Habitar

Ainda que vivendo em uma comunidade que apresentava um grave quadro de vulnerabilidade social, os moradores se sentiam como parte da cidade, pois, mesmo que a sociedade não os visse assim, visto que os moradores da Cachoeira eram vítimas de discriminação e exclusão social, eles faziam de tudo para tomarem seu ambiente “favela” o mais agradável possível.

É perceptível identificar através dos relatos que essas pessoas humildes que foram morar em um lugar inabitado, que acabou gerando a favela da Cachoeira, não mediram esforços para serem respeitados e terem os mesmos direitos como qualquer outra pessoa que morasse em um bairro considerado nobre.

Já que as autoridades não os viam como parte da cidade, eles faziam com que as suas vidas melhorassem procurando deixar o ambiente mais agradável. Os mesmos faziam mutirão para se construir ruas: cada um contribuía com o que dispunham em casa (enxadas, pás, etc), com o intuito de melhorarem o espaço, para deixar o ambiente com um aspecto bonito, como bem nos relata o Sr. Pedro Paulino: *“vamos fazer uma estrada aqui, aí fizemos logo na Rua Helena Maciel da Nóbrega que era a rua que eu morava”*.

Os relatos em referência desse pouco tempo que os moradores tinham livre, nos quais os mesmos se ocupavam para tentar melhorar as suas habitações, foram narrados de forma empolgante e com brilho no olhar, como é o caso do Sr. Pedro Paulino: *“a gente já começava sábado e*

domingo a ajudar a casa dele, se faltasse alguma coisa a gente reunia e comprava, cada um fazia o que pudesse se levasse um pão a gente aceitava”.

Com isso, os “moradores” foram melhorando o ambiente. Com a abertura das ruas, veio outra dificuldade: como resolver o problema dos nomes das ruas? Assim, os próprios moradores sentiram a necessidade de nomeá-las. Então se fazia o seguinte: se juntavam e decidiam se tal nome era conveniente. Se a maioria aceitasse, ficava o nome escolhido. Caso contrário, se escolhia outro nome que a maioria aprovasse.

Na narração do Sr. Pedro Paulino, percebesse que tudo era resolvido em conjunto, e se caso a sugestão não fosse aceita ninguém ficava magoado: *“eu escolhi Sebastião Vieira. Eles não aceitaram, então vamos botar José Moura, aí botaram né, ficou a Rua José Moura”.*

Essas ruas, em sua grande maioria, eram homenagens aos próprios moradores. Escolhiam-se as pessoas que mais ajudassem e que de alguma forma se destacasse das outras. Era um privilégio se ter uma rua com o seu nome, como bem relata o Sr. Pedro Paulino: *“Em consideração a Zé Moura, a Zé Moura porque Zé Moura trabalhou muito, aliás e isso que a gente vê porque era um conjunto”.*

Mesmo com todo o esforço dos moradores não era fácil sobreviver em um lugar esquecido: era complicado até mesmo de se conseguir água, pois tinha a cachoeira, mas a água era poluída pelo esgoto da cidade. Percebemos isto no desabafo do Sr. José Martins: *“lá não tinha água encanada, nós passávamos uma dificuldade miserável. ”*

Como se já não bastasse a privação ao acesso do direito a água encanada e tratada, o que obrigava os moradores a compra-la em outro bairro, ainda por cima tinham que descer e subir as ladeiras com a lata na cabeça. Percebe-se no relato triste do Sr. Pedro Paulino, o quanto era difícil à vida dos esquecidos, como os próprios se auto intitulavam: *“a gente vinha comprar água em Mané Luiz”*

A favela da Cachoeira veio ter água, em um contexto rudimentar e incompleto de implantação de saneamento básico, por volta de 1978-

79, quando o prefeito de Campina Grande era Enivaldo Ribeiro. Nesta época, a situação melhorou muito, pois além da água que era fornecida através de uns chafarizes, o prefeito resolveu fazer uma ponte, para que os moradores pudessem passar por certos locais com um pouco mais de segurança. Antes da ponte era complicada porque o terreno era bastante escorregadio. Confirmamos no relato do Sr. José Martins o benefício trazido:

Nessa época o prefeito era Enivaldo Ribeiro, ele construiu a ponte e depois da ponte, o que foi que ele fez depois da ponte? Ele resolveu como agora já tinha a ponte ele resolveu colocar água lá na cachoeira, puxou a encanação, fez umas caixas d'água, fez uns chafarizes, esses chafariz fornecia água gratuitamente para os moradores.

Com a chegada dos chafarizes tudo melhorou, pois podiam usufruir pela primeira vez de água gratuita e de boa qualidade. Esta foi uma das pouquíssimas conquistas dos habitantes da Cachoeira, mas que não contemplou todos igualmente, uma vez que os moradores da parte de baixo continuaram tendo problemas com acesso a água, porque para obtê-la tiveram que continuar a fazer parte do percurso equilibrando o recipiente com água na cabeça até suas casas.

Devido a falta de iluminação pública existia a prática do recolhimento dos filhos ao anoitecer, por parte dos seus responsáveis, como prevenção as mazelas da insegurança, como bem nos retrata o Sr. José Martins. Em sua exposição é possível perceber sua tristeza por ter sido um garoto sem condições de ter tido uma infância digna de uma criança comum, privado do direito de jogar bola com os amigos à noite na frente de casa, prática tão corriqueira entre os meninos: *“Eu lembro muito bem quando eu era criança ali não tinha energia, não tinha eletricidade e era tudo escuro quando se davam seis horas da noite estava todo mundo em casa trancado”*.

O Sr. Martins não foi o único a nos explicar lembranças tristes daquela época. O Sr. José Francisco nos narra com infelicidade o quanto

foi difícil criar seus filhos a luz de candeeiro: *“passei muitos anos usando luz de candeeiro como diz o ditado, esses meus filhos foram criados usando luz de candeeiro, que nesse tempo não tinha energia”*.

A tão esperada energia elétrica só chegou em 1979-1980. Foi uma felicidade muito grande para os habitantes da Cachoeira, como bem nos relata o Sr. José Martins: *“foi por volta de 1979-1980 que Enivaldo Ribeiro colocou eletricidade na favela da Cachoeira, ele fez a ponte colocou eletricidade e deu início as escadarias”*

Com a chegada da energia elétrica alguns moradores procuraram a CELB¹ para que os mesmos passassem a pagar o serviço de energia, com a intenção de obterem comprovante de residência. Eles faziam o seguinte: iam à CELB e falavam o nome da rua que moravam (vale ressaltar que os nomes das ruas eram os quais os moradores tinham dado as vias), com isso, passavam a existir enquanto cidadãos.

Com a atitude dos moradores de procurarem a companhia de energia, se seguiram outros benefícios, isso porque a CELB passou a procurar os moradores, indo de casa em casa com intuito de oferecer o serviço de energia para suas residências, conseqüentemente os Correios, tendo em fim o conhecimento dos nomes das ruas, passou a entregar cartas na Cachoeira.

Mas não eram todos que pagavam por água e luz: por ser uma favela, onde pessoas em estado de fragilidade social fizeram sua morada, e pelo difícil acesso para fiscalização, existia aquelas pessoas que burlavam a lei e praticavam o famoso “gato” para não ter que pagar os referidos serviços, só que vale ressaltar que esta prática não era de todos, como nos relata a Sra. Luciene: *“água e luz nós pagava, mais tinha muita gente que não pagava”*.

As escadarias, frisadas pelo Sr. José Martins, foi dada início de sua construção na gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro. Porém, com o mandato terminando, não deu tempo de concluir as obras. Foi quando o

¹ Companhia Energética da Borborema, atualmente Energisa Borborema, empresa concessionária de energia elétrica que atua na cidade de Campina Grande.

prefeito seguinte, (Ronaldo Cunha Lima) terminou as escadarias. Obra muito necessária, pois ficou mais fácil de subir ou descer, tanto para as pessoas que moravam do lado das escadarias, quanto para os moradores mais distantes, que também utilizavam muito das escadas, sendo a Cachoeira uma comunidade de uma área extensa, facilitando o deslocamento interno.

Depois da gestão de Ronaldo Cunha Lima, a prefeitura passou a ser administrada pelo seu sucessor (e filho) Cássio Cunha Lima, que como ação política atuou na comunidade por meio de reformas nas casas mais danificadas, como nos relata o Sr. José Francisco: *“Depois vem Cássio remodelou aquelas casas, assim mesmo, as casas caíram todinha, que ele fez um benefício, não ficou uma em pé. Só foi o benefício que teve esse tempo todinho que eu morei na Cachoeira”*.

As casas caíram porque várias localizavam-se em barrancos, e a grande maioria foram construídas de taipa - que era mais apropriada para o local que era cheio de barreira. Quando essas foram substituídas por casas de tijolos, conseqüentemente o peso aumentou e os barrancos foram caindo, porque não suportava o peso, já que as casas ficaram mais pesadas.

Com todos esses percalços, os moradores não se deixavam abater pelas grandes dificuldades encontradas ao logo de suas vidas, pois muitas nasceram e viveram a vida toda dentro da favela da Cachoeira. Muitos não conheciam outra realidade a não ser o de um “favelado”. Mesmo com os problemas existentes dentro da favela os moradores se sentiam orgulhosos de morarem lá, como bem nos retrata com um belo sorriso a Sra. Elza Maria: *“nasci lá, casei lá. Criei meus filhos lá, e hoje são todas pessoas de bem”*.

É interessante perceber o quanto as pessoas eram sofridas, mas ao mesmo tempo eram pessoas cheias de esperança, pessoas que não deixaram as dificuldades lhes tomarem sujeitos amargos, acreditavam em um futuro melhor para si e para o próximo. Eles não desistiam de sonhar mesmo com as dificuldades lhes batendo na porta dia após dia.

Vizinhança

O convívio entre os moradores da Cachoeira era bastante interessante, pois os mesmos sempre se ajudavam mutuamente, sobretudo aos mais necessitados, como fica claro quando o narrador fala de como era bonita a convivência entre eles. Pode-se perceber através da narração do Sr. Pedro Paulino o quanto aquelas pessoas se gostava: *“Olhe, era tão bonita nossa convivência (...)”*.

As casas eram bem próximas em algumas partes da favela, e isso também facilitava a convivência, pois a proximidade das casas nunca foi motivo de desavenças entre os moradores, como percebemos no relato da Sra. Maria Edite, nos contando da proximidade de alguns trechos da favela: *“era perto as casas uma da outra. A minha, a de seu Inácio a de Lelé Ronaldo da minha para baixo era mais distante”*.

Mas nem sempre as pessoas se sentiam confortáveis em expor que tinham relação com moradores da favela. Em relato, a Sra. Luciene fica um pouco tímida em falar dos amigos que residiam na favela da Cachoeira: *“tinha uns amigos lá, mais faz tempo, já foi tudo embora”*. A entrevistada ficou com um pouco de receio em falar dos amigos, pois os moradores eram muito discriminados, ficando a mesma cismada de ser mal interpretada.

O local era bastante acidentado, pois ficava dentro de um buraco, sendo de difícil acesso porque era bastante escorregadio. Em período de chuva era ainda mais complicado, pois tinham que subir muitas vezes do jeito que dava, como nos narra até com certo senso de humor a Sra. Maria Edite: *“subia de quatro pé pra não quebrar a cabeça no chão na lama (...)”*, não obstante, os moradores não faziam de suas vidas uma tragédia, eles corriam atrás de seus sonhos.

Para os que não podiam ficar em casa e evitar os transtornos causados pela falta de acesso a mobilidade minimamente básica para o deslocamento, como por exemplo, ter que ir trabalhar - muitas vezes do outro lado da cidade - arranjava-se uma maneira de sair com o seu meio de transporte, como nos narra também a Sra. Maria Edite: *“o povo descia com a bicicleta nas costas...”*.

O caso da Sra. Luciene era semelhante, só que sem transporte para carregar nas costas, entretanto, percebesse no seu relato a tristeza e vergonha daquela situação difícil, porque já chegava do trabalho exausta e ainda tinha a subida da dita ladeira: *“eu vivia cansada de tanto descer a ladeira e subir”*.

Sociabilidade

Como a grande maioria dos moradores não tinham uma vida social fora da favela, os mesmos faziam com que fosse agradável a convivência internamente. Dentro da favela da Cachoeira não existia bar ou algo semelhante, então todas as novidades eram contadas na mercearia do Sr. Zé Gordo, como nos relata com bastante precisão o Sr. José Martins: *“Perto da mercearia de Zé gordo que depois passou a ser de Zé guardo, depois de Neu e assim por diante. Era a mercearia oficial da favela, era lá onde acontecia todo conceito de conversa e de bate-papo”*.

Fica nítido que mesmo tendo sido de vários proprietários as conversas continuaram sendo na mercearia, por ser o local que todos já sabiam que iriam encontrar os amigos para conversa ou até mesmo tomar uma cerveja e saber as novidades.

Na fala do Sr. Geraldo Batista, ele nos narra que não se tinha opção de lugares de lazer, pois não existia nada para as pessoas se divertirem: *“só tinha barraquinha aqui acolá, uma barraquinha e as casas de morar”*.

Nos finais de semana os moradores se juntavam uns nas casas dos outros e ali faziam suas reuniões entre amigos, já que não existia

outra forma de diversão, ou seja, nenhuma área de lazer dentro da favela, como nos relata com muito orgulho o Sr. Pedro Paulino: *“De hoje para amanhã, a gente já começava a jogar dominó, jogar sueca, inventava um racha, era a coisa mais linda do mundo, esse xangô que ele falou: era pacífico não tinha briga (...)”*.

Quando o Sr. Pedro fala a expressão ‘de hoje para amanhã’ ele está se referindo aos finais de semana, já que a entrevista foi feita em uma sexta-feira à tarde. Foi exposto de uma forma muito bonita, o quanto a convivência entre os moradores da favela era amigável, pois se não existia outras formas de diversão eles os faziam da forma mais simples e prazerosa possível.

DESLOCAMENTOS NO ESPAÇO: A MARGINALIZAÇÃO DO BAIRRO DA CACHOEIRA

Neste capítulo será relatado como os habitantes da favela da Cachoeira eram tratados, a violência do local, como os moradores se sentiam diante desta realidade e como o poder público agia em relação a aqueles moradores, construindo para eles um lugar de marginalização local.

Era bem complicado para os habitantes da favela da Cachoeira ter que viver na Cidade de Campina Grande sem poder conviver com os outros moradores da cidade, dado que os moradores dos demais bairros de Campina Grande não queriam proximidade com os habitantes da favela da Cachoeira, pois os mesmos eram tratados com indiferença ou desconfianças, como nos retrata O Sr. Pedro Paulino: *“o povo dizia: meu Deus, como tu moras ali? Mais era o povo em família. Era tudo bom (...)”*.

No relato acima, o Sr. Pedro deixa bem claro que esta rejeição só vinha da parte dos outros moradores da cidade, pois segundo as narrativas orais, os habitantes da Cachoeira viviam em paz entre si, e tinham uma convivência com os vizinhos como se fosse familiar.

Em outro relato, este bastante triste do Sr. José Martins, percebe-se que para ele é até mais difícil ter sido um morador da favela da Cachoeira, devido a um diferencial, ele é conhecido dentro da cidade de Campina Grande:

Eu sofro preconceito no decorrer do dia-a-dia, eu carrego em minhas costas, como você falou: eu sou bastante conhecido, eu carrego em minhas costas, todos os conceitos e preconceitos negativos que a sociedade tem dos moradores da favela da Cachoeira (...).

Assim, verifica-se que o Sr. José Martins, mesmo sendo um político da zona norte de Campina Grande, e também ex-morador da Cachoeira, e apesar de gozar de certa fama, não deixa de sofrer os preconceitos da sociedade campinense.

Era sofrido e deprimente a vida dos moradores da favela da Cachoeira, pois os demais moradores da cidade não os viam como pessoas de bem, e por isso não os queriam por perto, como podemos observar neste relato triste da Sra. Luciene:

Sempre falava assim: Oxe! Tu morando num lugar daquele? Eu não quero nem conversa. Mas a gente só mora num lugar ruim é ruim também né? Mas só que não é, uma coisa que por ser pobre nós moramos lá. Mas nós não fazíamos coisa errada, mas era criticado também, mas o povo diz: morando ali era tudo errado.

É bastante chocante o relato da Sra. Luciene porque as pessoas não queriam nem ao menos que ela se aproximasse. Percebemos nesse relato que a narradora ficou bastante triste quando falou que era moradora da favela, mesmo justificado que era por falta de opção, por não ter outro lugar para morar. Assim, morar não era uma escolha, não sendo justo as pessoas tratarem-nas de uma forma agressiva, pois ela não fazia nada de errado.

Logo, fica bastante nítido que os moradores da favela da Cachoeira sofriam preconceitos, pois as pessoas lhes tratavam como se fossem marginais, como se em uma favela não existisse pessoas de bem que trabalham para pagar suas contas, como qualquer outra pessoa de um bairro nobre da cidade.

Rotularam como pessoas ruins, mas em sua grande maioria eram pessoas batalhadoras, que estudavam, trabalhavam e buscavam uma vida melhor com o fruto do trabalho, mesmo não sendo fácil muitos conseguiram seu lugar ao sol como é o caso do Sr. José Martins.

Quando começou a violência no lugar? Por quê?

A partir do início de favelização a Cachoeira começou com os problemas com a segurança pública, devido à ausência e ao descaso do poder público os criminosos transitavam dentro da favela sem serem incomodados por quem quer que fosse, pois, os moradores tinham medo de denunciar e serem reprimidos.

A Cachoeira começou a expandir a quantidade de habitantes, e, portanto, seu espaço físico, devido ao alto índice de pessoas vindo de outras cidades para se alojarem na comunidade. No início da favelização era tranquilo, os moradores não se preocupavam com a ação de delinquentes, pois era pequena, mesmo porque a favela ainda estava em processo de crescimento, como nos narra o Sr. Geraldo Batista:

Todo tempo aquela Cachoeira ela foi rígida, todo tempo quando eu fui morar lá tinha uns homens perigosos, agora era mais pouco, era uns homens perigosos, mas eu fui me dando com esse povo, não me importava com a vida deles, me importava mais com a minha e não me importava com a vida de ninguém, aí por isso eu morei esse tempo todinho, nunca que saí dela, nunca briguei com ninguém, nunca tive um intrigado, graças a Deus criei onze filhos lá, hoje em dia são tudo criado, casei todos onze, todos são homens de Deus, eu só tenho a agradecer.

Na narrativa do Sr. Geraldo fica claro o orgulho dele em dizer que todos os seus filhos foram criados dentro de uma favela, mas são todas pessoas honestas, mesmos sendo residentes de um lugar que carregava a pecha da marginalização e do preconceito ele se sente lisonjeado por ter conseguido educar seus filhos em um ambiente tão discriminado.

Até para as pessoas que visitavam o local ficou inviável, pois os mesmos tinham medo de assaltos, a partir daí a Cachoeira começou a ser um ambiente isolado da cidade de Campina Grande, como bem nos retrata a Sra. Maria do Carmo:

Pararam mais de vir depois que a Cachoeira começou a esquentar com aquele povo, chegaram gente de outros cantos e mesmo do local mesmo, eram aquele povo da cabeça quente, aí pararam mais de vir, porque tinham medo de vir.

A partir daí as coisas foram se complicando mais um pouco, pois houve uma realocação de moradores de outras favelas para a comunidade da Cachoeira, com isto a criminalidade que existia, aumentou ainda mais, e os moradores começaram a se preocupar com os esses novos vizinhos, oriundos de outras favelas, como fica bastante enfática na narrativa do Sr. José Francisco da Silva:

Minha filha, essas coisas começaram depois de Ronaldo Cunha Lima. Não sei se você lembra, porque você é nova demais. Num tem Ronaldo? Quando foi prefeito, ele desativou muita favela, nu sabe? Tirou da maloca, do pé-de-galinha, você pode se lembrar porque os outros diz ou porque tá escrito por aí, mas não é do seu tempo pé de galinha, maloca... sei que ali entrou umas quatro favelas ou foram três, depois que entrou essas quatro favelas virou um caldeirão.

Quando o Sr. José Francisco fala de caldeirão ele quer dizer que, com a entrada de mais algumas favelas, conseqüentemente, aumentou-se a violência, a criminalidade e como a Cachoeira já não estava mais sendo bem vista pelos demais moradores da cidade, passou a ser motivo de exclusão ainda maior da sociedade.

Este medo que a sociedade campinense tinha em relação aos moradores da favela da Cachoeira fica visível, por ser uma favela “desconhecida”: sem nenhum documento, nenhum registro ao seu respeito. É como se a favela da Cachoeira não tivesse existido, como nos relata com bastante precisão o Sr. José Martins:

Não existe registro histórico da favela da Cachoeira, porque foi uma favela super discriminada. A favela da Cachoeira era conhecida em toda Paraíba como a favela mais perigosa da Paraíba, não somente na Paraíba como lá fora também. No período em que o exército invadiu a favela da Rocinha, eu acho

que a senhora tá lembrada, quando invadiram a Rocinha alguns camaradas vieram para a favela da Cachoeira, e eu presenciei gente lá dentro andando de arma pesada.

O medo fez com que as pessoas se afastassem dos moradores da favela da Cachoeira, pois era um ambiente bastante diversificado. Existiam pessoas boas que trabalhavam e viviam honestamente, mas havia a criminalidade e isto acarretou na exclusão dos moradores pois as pessoas passaram a julgar todos os moradores como se fossem bandidos, sem ao menos lhes darem a chance de os conhecerem.

É nítido que os moradores viam as coisas “erradas”, mas ao mesmo tempo em que viam, não podiam falar nem fazer nada, pois necessitavam morar naquele ambiente, e por necessidade e segurança teriam que ter uma convivência com os criminosos, ou como bem nos relata a Sra. Elza Maria: *“Eu morei perto de gente assim, errada, mas eles viviam a vida deles, e eu vivia a minha, eu podia ver tudo assim, ver o que a pessoa não acha certo né, mais eu deixava pra lá”*.

Os moradores fingiam que não estavam vendo nada, por medo de sofrerem represálias dos bandidos. E assim, uns respeitando aos outros, os códigos de silêncio iam se instaurando na sociabilidade daqueles moradores.

Práticas que deveriam ser normais como uma entregar de móveis não era possível, pois os entregadores não podiam descer até a favela, porque se descessem seriam assaltados, como também os parentes dos moradores que por ventura não morassem na Cachoeira ficavam impossibilitados de ir até a favela, pois estava correndo o risco de sair de lá sem os pertences.

Mesmo porque esses delinquentes não constrangiam os moradores da favela da Cachoeira, quem sofria eram as pessoas que iam visitar alguém ou fazer alguma entrega.

Esta relação dos bandidos com os outros moradores da Cachoeira era um pouco incomoda para as pessoas de boa índole que ali viviam, vale ressaltar que mesmo com toda essa criminalidade e esta

relação de “poder e medo”, a grande maioria dos moradores da favela da Cachoeira eram pessoas de bem.

No relato da Sra. Luciene da Silva, ela nos deixa até emocionados, pois narra com bastante tristeza em recordar o quanto era humilhante ter que se trancar dentro de casa, para não ver as coisas erradas:

Era muito perigoso né? Porque os homens andavam eram tudo de revolver na mão, nada era bom ali, era tudo de revolver para lá e para cá, assaltando o povo. A gente corria se trancava, era um aperrei! A vista da gente ter as crianças, né? Graças a Deus, nenhum deu para bandido não, mas eu tinha muito medo de acontecer o por.

Luciene deixa bem claro que uma das grandes preocupações dos pais era que os filhos não seguissem o caminho do bem, pois eles viam essa violência, no dia a dia, não era uma coisa esporádica, ela convivia com aquela realidade o tempo todo.

É uma complexidade esta realidade, pois nos relatos, em sua grande maioria, os moradores afirmaram que os bandidos não assaltavam os moradores, mas, mesmo assim, eles tinham certo receio e quando tinham que sair da favela para passar a noite fora deixavam alguém em suas casas, como nos fala a Sra. Sebastiana: *“Eles lá nunca buliram com a gente. Eles não boliam com a gente lá dentro não, quando eu ia viajar para Cajuzeiras, eu deixava José, esse neto meu, ele que dormia lá na minha casa, quando eu chegava estava do mesmo jeito”*.

Mesmo os bandidos não assaltando os moradores, eles não confiavam e sempre deixavam alguém nas suas casas por precaução, pois não era só os bandidos de dentro da favela que ficavam lá: por ser um lugar onde se tinha muito mato, havia o potencial de bons esconderijos para se esconder, sendo um lugar preferidos para os fugitivos dos presídios. Como nos narra com bastante precisão a Sra. Elza Maria: *“Já pensou você morar perto de gente, e não poder nem respirar, tinha tempo que tinha*

muita revolução, quando fugia um presidiário do presídio, aí eles ficavam lá né, invadia, ficava lá”.

Quando Elza Maria compara o ato de respirar com a convivência que tinha que ter com os bandidos, é porque para eles era ruim, pois tinha que ver, calar e não se podia avisar a polícia que tinha fugitivos dentro da favela, se fizessem isto estariam correndo risco se os marginais descobrissem.

Para alguns a vida dentro da favela não foi tão difícil, como nos narra o Sr. José Francisco: *“Durante o tempo que eu morei na Cachoeira, sabe o que foi roubado meu? Um rádio”*. Para quem morava dentro da favela, o roubo de um rádio valia muito pouco à vista da marginalização do lugar, de certa forma ele se sente até orgulhoso por esta feita.

Alguns trechos da favela eram mais perigosos que outros, posto que quem morava na parte de baixo presenciava as maiores atrocidades, como nos narra com bastante precisão a Sra. Edite Maria:

O tanto de tempo que eu morei lá, era gente morta todo dia, todo dia. Matavam gente que só, eu vi duas vezes, mataram um rapaz e uma mulher, outra vez foi o sobrinho de dona Bédea, cinco horas da manhã, era gente que era envolvida com essas coisas.

No relato da Sra. Edite Maria fica claro a violência do lugar, pois para os moradores encontrar uma pessoa morta já não era novidade, já que era frequente as mortes no local, sendo que na maioria das vezes eram de pessoas envolvidas com algum ato ilícito.

Além de todos esses problemas, existia outro que deixava os moradores bem mais assustados, que era o abuso de autoridade por parte da polícia, que deveria garantir a “paz” na comunidade, mas no caso, o que a ação policial levava a Cachoeira era o clima de guerra, como nos relata bastante triste a Sra. Luciene da Silva:

Já chegou polícia dando tiro lá na rua, arriscada bater nas pessoas, nos filhos da gente, era a gente sofria muito, quando eles chegavam dizia: venha que eu levo vocês também, nós corria para

dentro, a polícia quando descia era logo dizendo isso, dizia: aqui não mora ninguém que preste, dizia logo desce jeito, a gente ficava tudo com medo, a gente sofria um bocado.

Para os moradores, além de viverem assustados com a marginalidade do local, também tinha medo da polícia, pois para eles na favela só existia meliantes. Quando a polícia chegava os moradores de boa índole e estes se escondiam dentro de suas casas com medo de serem confundidos com os marginais, e até mesmo serem presos ou levarem um tiro.

Pessoas de bem sofriam quando a polícia entrava na favela, pois houve casos de pessoas inocentes serem baleados, porque eles adentravam a comunidade atirando sem distinguir os cidadãos dignos com os criminosos, assim nos relata o Sr. José Martins:

Nós temos uma prova viva, uma senhora deficiente dos pés, e levou um tiro na perna, isso por que? Porque a polícia invadiu a favela, entrou lá já atirando em jovens, e jovens adolescentes e um desses tiros, pegou na perna da senhora, eu estava trabalhando minha esposa ligou para mim, eu descí para casa correndo, quando cheguei em casa a senhora já estava no hospital, dona Eurides que mora mesmo aqui, pertinho, eu liguei para emissora de rádio, malhei o pau na polícia, quando eu digo malhei o pau na polícia, falei que eles não tinham autoridade para fazer isso.

Para os moradores, a polícia não trazia a segurança, pois eles saíam batendo, em todos, e não procurava saber quem era de bem ou não. Isso fazia com que os moradores ficassem revoltados com as autoridades: era humilhante ter que apanhar e ficar calado para não ser preso, enquanto que os bandidos não machucavam os moradores da favela.

Uma das grandes revoltas dos moradores era que para a imprensa da cidade de Campina Grande, os moradores da favela eram todas pessoas marginalizadas, como nos relata o Sr. Pedro Paulino: *“O que me abatia era da nos noticiários, na patrulha da cidade, o povo tudo assustado com a*

gente, porque eu digo moça, teve gente ali que transformasse em marginal, foi a polícia e a imprensa”.

Percebe-se que para o Sr. Pedro era triste ouvir que todos eram pessoas ruins, pois dentro da favela existiam muitas pessoas boas, e isso gerou a revolta de muitos jovens, pois se a imprensa local estava lhes denegrindo, isso fazia com que eles realmente se transformassem em bandidos, por tristeza ou até mesmo vingança de estarem sendo acusados de algo que não praticavam.

Percebe-se que para o Sr. Pedro era triste ouvir que todos eram pessoas ruins, pois dentro da favela existiam muitas pessoas boas, e isso gerou a revolta de muitos jovens, pois se a imprensa local estava lhes denegrindo, isso fazia com que eles realmente se transformassem em bandidos, por tristeza ou até mesmo vingança de estarem sendo acusados de algo que não praticavam.

A polícia quando chegava lá dentro, eles não queriam saber se você era pai de família, trabalhador não, eles já queriam chegar dando tapa na sua cara, chamando palavrões com você, muitas vezes, qual o cidadão que vai querer tá levando palavrões, ou até mesmo denegrindo a imagem de sua mãe, falando das parte íntimas de sua mãe, e você ia ficar calado, então muitas vezes o cidadão falava: meu me respeite, eles dava tapa na cara.

A arbitrariedade da polícia era frequente, por este motivo os moradores da favela da Cachoeira tinham certa rejeição com relação ao órgão de segurança pública. Muitas vezes, quando os moradores iam tentar um diálogo acabavam apanhando, era muito doloroso ter que ouvir alguém falando mal de você injustamente e ter que ficar calado, pois se falassem seria pior, porque iriam apanhar mais.

Com toda essa divulgação por parte da imprensa, as pessoas que trabalhavam e tinham que conviver com pessoas que não moravam dentro da favela da Cachoeira tinham dificuldades de explicar que uma parcela dessa violência partia da polícia e não dos moradores, como nos narra o Sr. Pedro Paulino:

Gente me perguntava lá na rua, que eu sempre trabalhei no centro, e dizia: seu Pedro como é que o senhor mora ali, é tiroteio toda hora e todo instante. Eu digo, eu nunca vi um tiro na Cachoeira, nunca, e eu moro em cima mesmo, onde para carro e tudo, agora vejo tiro sim, e muita violência, quando as autoridades que se chama polícia vão lá, para um ônibus, ou melhor um carro e atira.

Os moradores da favela da Cachoeira sofriam discriminação por parte dos outros moradores da cidade de Campina Grande, pois os noticiários que transmitiam os desdobramentos da violência no referido local levavam as informações incompletas, contando apenas parte dos acontecimentos, divulgado que quem agia exclusivamente erroneamente era os habitantes da comunidade, e para desfazer esta divulgação preconceituosa era quase sempre impossível, pois era mais cômodo acreditar na imprensa.

E os maus tratos contra os moradores da favela da Cachoeira aconteciam como se fosse normal, pois não existia ninguém a seu favor. Quando a polícia entrava na favela era um pânico até mesmo para as crianças que também apanhavam como nos relata, bastante entristecido, o Sr. José Martins de Paiva:

Tem um, porém, porque para a polícia dentro da Cachoeira não exista nenhum cidadão, existia ‘ciladrão’, então por este motivo, como já era todo mundo ciladrão não era cidadão. Então vamos meter bala no ‘ciladrão, até as crianças apanhavam da polícia. A polícia chegava metia cascudo, cocorote nas crianças, eu mesmo apanhei muito, quando era criança, ia dentro da Cachoeira a polícia chegava vinha me investigar, quando vinha me investigar, eu com meus quatorze quinze anos, eles já vinham logo batendo na minha cara.

O termo usado é até mesmo um desabafo por tanta injustiça contra os moradores daquele lugar, pois já era tão difícil e ainda tinham que conviver com esses abusos contra os habitantes. As crianças acabavam ficando traumatizadas, com medo quando viam um homem

fardado, achavam que iriam lhe machucar de alguma forma. Assim, o próprio termo “ciladrão” evoca, segundo o narrador, o sentido de que para a polícia todos que moravam na favela da Cachoeira eram bandidos, não existiam pessoas de bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi dividido em dois capítulos, sendo o primeiro falando da paisagem a habitação. Nele descobrimos que os primeiros moradores foram por consequência da demanda de trabalho de uma pedreira existente no local, espaço este que não foi bem definida sua localização pelos entrevistados, mas que foi citado pela grande maioria dos entrevistados.

Em relação ao espaço, mesmo morando em uma favela, os habitantes da Cachoeira faziam mutirões para abrir ruas, melhorar as casas, entre outros benefícios locais. Quando se abria as ruas os mesmos davam os nomes homenageando os moradores mais querido ou importante dentro da comunidade.

Em se tratando de habitar esse referido local, os moradores nos revelaram ser em decorrência de uma questão de necessidade. Os moradores foram para a Cachoeira por carência, e não por opção, mas mesmo assim eles acabaram se identificando com aquele lugar, e falam até hoje com muito carinho, pois foi o lugar que lhes acolheu e que escolheram para si.

Com relação à vizinhança foi narrado que de certa forma aquele espaço era tranquilo, pois eles viviam como uma grande família, se ajudando, e principalmente respeitando a opção de vida do vizinho, onde cada um vivia a seu modo sem serem criticados pelo outro. Existiam os casos de vizinhos que tinham problemas com a justiça, mas mesmo estes moradores se tratavam bem e não tinham nenhum problema.

A vida social deles era dentro da própria Cachoeira, pois os mesmos eram discriminados pela elite campinense e eram tachados de favelados, então para não se ter problemas, eles frequentavam casa dos

vizinhos ou faziam churrasco como formas de se divertirem dentro desse mesmo espaço.

O nosso segundo capítulo abordou temas como deslocamentos no espaço interno da comunidade, a marginalização do bairro da Cachoeira e quando começou a violência no lugar, e principalmente “por quê?”.

Quanto a questão da violência na comunidade mencionada percebemos ser um assunto complexo, pois com a expansão da Cachoeira (em sua ampliação populacional e de área), conseqüentemente, aumentou-se o índice de criminalidade no local, e esta mostrou-se uma situação delicada, pois dentro da Cachoeira existiam muitas pessoas de bem, que trabalhavam e viviam honestamente, mas mesmo estes moradores que se incomodavam com os bandidos no local, não podiam fazer denúncias por medo de sofrerem alguma represaria, também deve-se levar em conta que estes meliantes não assaltavam os moradores, cometiam seus delitos fora da Cachoeira e iam se esconder lá dentro, devido seu ambiente com bastante mata fechada, ficava bem fácil de se esconder da polícia.

Esperamos que tenhamos trazido uma pesquisa importante para o meio acadêmico, pois foi um trabalho que nos engrandeceu muito enquanto profissional. Existem ainda muitos campos de trabalhos, pois a marginalização mostrou-se ser um tema bem pertinente, que chama a nossa atenção, ou até mesmo o bairro do Glória que foi para onde os ex-moradores da Cachoeira foram transferidos, fazendo-nos acreditar existir ainda várias temáticas interessantes sobre a favela da Cachoeira.

FONTE DE PESQUISA

Fonte oral:

Sr. Geraldo Batista, entrevista dia: 01/05/2008.

Senhora: Maria do Carmo, entrevista dia: 01/05/2008.

Senhora: Luciene da Silva Fernandes, entrevista dia: 06/05/2008.

Senhora: Sebastiana Eugênia dos Santos, entrevista dia: 06/05/2008.

Senhora: Maria Ana da Conceição, entrevista dia: 19/05/2008.

Sr. José Francisco da Silva, entrevista dia: 19/05/2008.

Senhora: Elza Maria Pereira da Silva Velho, entrevista dia: 19/05/2008.

Sr. José Martins de Paiva, entrevista dia: 25/05/2008.

Senhora: Mana Edite das Chagas, entrevista dia: 12/06/2008.

Sr. Pedro Paulino de Oliveira, entrevista dia: 21/06/2008.

Senhora: Luzia Maria da Conceição, entrevista dia: 22/07/2008.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena; **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

HALBWACHS. M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MEIHI, Born Sebe Carlos José. **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

THOMPSON, Paul. **História Oral: a voz do passado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1998.